

Luis Andrés Edo (1925 – 2009), um anarquista de verdade

## **luis andrés edo (1925 – 2009), um anarquista de verdade**

**doris ensinger**

Não vou relatar neste artigo a vida de Luis Andrés Edo porque há inúmeros textos que já o fizeram e contam as fases mais importantes de sua vida — sua luta contra a ditadura de Franco, os anos na prisão e sua contribuição às discussões sobre a sociedade pós-franquista, a chamada “transição à democracia”, e sua reivindicação por uma ruptura com o regime anterior. Em suas memórias,<sup>1</sup> a serem publicadas em breve no Brasil, refletiu sobre sua vida e os últimos oitenta anos da história da Espanha, a CNT e o exílio forçado daqueles que tiveram que fugir ao final da Guerra Civil. Pensei, então, em descrever o Luis que conheci e com quem vivi por tantos anos, período que para mim significou um privilégio especial e um presente inigualável.

Desde que conheci Luis, no final de 1977, sempre o considerei o homem mais humano. Neste grande e tão diverso movimento anarquista-libertário, com tantas pessoas incríveis, generosas e humanistas, não encontrei ninguém como ele. Para mim, Luis personificava exatamente o que disse Melchor Rodríguez, outro anarquista e um companheiro muito apreciado por Luis, em um recente poema:

“Anarquia significa:  
Beleza, amor, poesia,  
Igualdade, fraternidade, sentimento, liberdade,  
Cultura, arte, harmonia,  
A razão, suprema guia,  
A ciência, sublime verdade,  
Vida, nobreza, bondade,  
Satisfação, alegria,  
Tudo isto é anarquia  
E anarquia, humanidade”

Luis Andrés vivia todas e cada uma destas palavras e conceitos. O amor guiava sua vida, o amor pela própria vida, pelo coletivo e pelos demais, a quem sempre tratava com apreço e respeito, amor pela idéia. Costumava dizer “eu não escrevo poesia, faço poesia”.

Para ele, sua defesa de um companheiro expulso da Organização por unanimidade que, como explicava, foi fato único na história da CNT, era um ato poético. Laureano Cerrada financiava todas as ações contra a ditadura de Franco nos anos 40 e 50, mas um dia foi declarado culpado por uma ação que disseram danar a imagem da CNT no exílio. Luis se colocou ao seu lado por considerar que a Organização o transformou em um bode expiatório.

Não havia nada irracional nele. Ele atuava sempre com um sentido comum, e previa sempre as conseqüências, analisando e meditando profundamente sobre os assuntos. Sim, era a razão que o guiava.

Desde muito jovem, ele se interessava por diversos assuntos e era um aluno muito aplicado que, como explica em suas memórias, foi batizado em “sete ciências”. Aos 14 anos, teve que deixar a escola para trabalhar, porque seu pai desapareceu nos últimos da Guerra e, com ele, o sustento da família. Ainda assim, manteve

Luis Andrés Edo (1925 – 2009), um anarquista de verdade

a “sede pelo conhecimento” e, durante sete anos, frequentou a Escola Industrial à noite para ampliar sua formação. Jamais deixou de estudar e de ler; a Ciência se converteu no foco de seu interesse e a leitura em uma de suas paixões.

As idéias fundamentais da Revolução Francesa — até hoje meros postulados e reivindicações, não uma realidade, na maior parte do mundo, e agora de novo ameaçados —, a liberdade, a fraternidade e a liberdade, não eram para ele apenas retórica. Ele os vivia. Não preciso dizer que nele não havia nenhum traço de comportamento patriarcal e machista, já que tratava a todos como iguais com um autêntico espírito fraternal.

O diálogo e o compromisso eram outros traços característicos dele. Podia discutir com veemência, brigar, mas ao final de uma discussão buscava sempre a concórdia, tal como o significado original da palavra harmonia: a arte de abraçar o contrário em sua totalidade.

A bondade e a generosidade são características ressaltadas por muitos que o conheceram. Bondade no sentido de que o sofrimento do outro, dos demais, é determinante para a atuação de uma pessoa, mais do que sua própria vontade. Ao se colocar no lugar do outro, passou a lutar contra a injustiça e a apoiar, por exemplo, os presos mais indefesos, os presos sociais ou comuns.

Os pequenos sucessos que conseguiu nessa luta contra o sistema carcerário, ou de (in)justiça, foram sua maior satisfação. Satisfação e alegria encontradas também no cotidiano, nas pequenas coisas da vida: seu maior prazer, sua maior satisfação era seu prato preferido, as lentilhas, ou “as lentilhas do Dr. Negrín”, como costumava dizer, em alusão ao alimento indispensável para lutar contra a fome durante a Guerra Civil e anos seguintes.

Algumas pessoas, companheiros no Brasil, puderam conhecer este homem excepcional. Ele teve um amigo

diplomata, José Ignacio Martín-Artajo, a quem prometeu visitar onde o Ministério o enviasse. Assim, em 1984 viajamos à Venezuela e, depois ao Brasil, em 1991. Luis nunca fazia turismo e quando viajava era sempre com um propósito definido. A partir de anotações em meu diário de viagem, pude reconstruir um pouco o que movia Luís naquela visita.

\*\*\*

Em São Paulo, deu uma conferência sobre anarco-sindicalismo e visitou o Centro de Cultura Social, onde conversou com Jaime Cubero, Decio, Plínio e outros companheiros sobre o “projeto 92”, ações ou jornadas planejadas contra os festejos dos 500 anos. É bastante provável que tenha falado também sobre o projeto de 93, o grande encontro anarquista que aconteceu em setembro e outubro daquele ano, em Barcelona, com o título de “Anarquismo: Exposición Internacional”. A viagem a Porto Alegre teve um objetivo muito especial, já que pretendia convencer Helios Puig, o filho de Juan Puig i Eliás, fundador do *CENU* (*Consejo de la Escuela Nueva Unificada*) — o sistema escolar da Catalunha durante a Guerra Civil — a ceder a documentação de seu pai aos arquivos da *CNT*. Ele achava que poderia voltar à Espanha com uma mala de papéis, mas ao fim essa mala — ou baú — acabou ficando mesmo em Porto Alegre. Lá ele também foi entrevistado por uma emissora local de TV e deu uma palestra na Casa dos Economistas. Desta última atividade, tenho uma lembrança muito especial: os organizadores pediram para eu sentar ao lado de Luís e, depois de sua fala e algumas perguntas, o moderador perguntou ao “professor Edo” se tinha mais comentários a fazer. Ele respondeu, “Não, não tenho nada a acrescentar, mas a companheira Doris tem muito a dizer sobre o movimento alternativo alemão”. Assim, bastante incomodada por “começar do nada”, iniciei, sem preparação alguma, a falar dos anos 60 e 70 na Alemanha, quando foi criado o grande movimento resultante das famosas mobilizações de 68,

Luis Andrés Edo (1925 – 2009), um anarquista de verdade

também falei da República Democrática da Alemanha e da queda do Muro, ocorrida um ano antes. Em seguida, perdoei Luis porque todo o público me escutou com muita atenção e interesse.

\*\*\*

Nessa viagem, consegui uma concessão de Luis: a caminho de Brasília, verdadeiro destino da viagem, fizemos uma escala nas Cataratas do Iguaçu. Mais tarde, comentou sobre “aquela quedinha d’água”, mas ficou mesmo assombrado e maravilhado com esse espetáculo da natureza: a força e o ruído da água, as centenas de quedas e o arco-íris, e não se arrependeu de ter sido uma vez infiel a seu princípio do não-turismo. Por último, quero destacar a grande hospitalidade e cordialidade com as quais fomos recebidos em todos os lugares durante essa viagem. Apesar da distância e do tempo, ainda penso com muito afeto e carinho em todas as pessoas que nos receberam com tanta amabilidade e amizade e nos abriram suas casas.

É difícil descrever Luis Andrés Edo em poucas linhas, mas espero que estas sirvam para mostrar como ele era um homem muito especial e como disse no começo, o homem mais humano.

Barcelona, 18 de março de 2009.

Tradução do espanhol por Gabriel Passetti.

## Notas

<sup>1</sup> Luis Andrés Edo. *La CNT en la encrucijada. Aventuras de un heterodoxo*. Barcelona, Flor del Viento, 2006.

RESUMO

*A autora e companheira de Luis Andrés Edo traz um pouco da generosidade e poesia da vida dele e das próprias experiências com esse corajoso anarquista que tomou parte da CNT e lutou contra a ditadura franquista.*

*Palavras-chave: Luis Andrés Edo, anarco-sindicalismo e anarquia.*

ABSTRACT

*The authoress, who was Luis Andrés Edo's partner, brings some of the generosity and poetry of his life, and even her own experiences with this courageous anarchist who had joined CNT and fought against Franco's dictatorship.*

*Keywords: Luis Andrés Edo, anarcho-syndicalism, anarchy.*

*Indicado para publicação em 23 de março de 2009.*